

JEFF

**ORFEU
NEGRO**

WALL

escritos de arte

organização SÉRGIO MAH

tradução PEDRO ELÓI DUARTE

LIVRO PUBLICADO POR OCASIÃO DA EXPOSIÇÃO **JEFF WALL – TIME STANDS STILL. FOTOGRAFIAS, 1980-2023**, NO MAAT – MUSEU DE ARTE, ARQUITECTURA E TECNOLOGIA, DE 23 DE ABRIL A 1 DE SETEMBRO DE 2025.

maat



20

TÍTULO

Jeff Wall — Escritos de Arte

AUTOR

Jeff Wall

SELECÇÃO E ORGANIZAÇÃO

Sérgio Mah

TRADUÇÃO

Pedro Elói Duarte

REVISÃO

Nuno Quintas | oficinacaixaalta.pt

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 2025 Orfeu Negro

© Jeff Wall | textos e fotografias

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Abril 2025

DL 545485/25

ISBN 978-989-9225-18-3

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

Índice

- 7 Pensar as imagens
 Sérgio Mah
- 13 Gestos
- 17 Sobre fazer paisagens
- 27 Quadros de referência
- 57 *Kammerspiel*, de Dan Graham
- 137 Unidade e fragmentação em Manet
- 151 O contador de histórias
- 155 Dentro do bosque: dois esboços para
 estudos da obra de Rodney Graham
- 181 *La Mélancolie de la rue*: idílio e
 monocromia na obra de Ian Wallace
 (1967-1982)
- 207 Fotografia e inteligência líquida
- 213 Monocromia e fotojornalismo nas
 pinturas *Today*, de On Kawara

- 
- 243** «Sinais de indiferença»: aspectos da
fotografia na ou como arte conceptual
- 291** Representação, objecto, evento
- 317** Alguns comentários sobre as alegações
a favor e contra a pintura

Pensar as imagens

Sérgio Mah

Jeff Wall (Vancouver, Canadá, 1946) é amplamente reconhecido como uma das figuras maiores do panorama internacional das artes visuais das últimas décadas. A sua obra evidencia uma atenção privilegiada a genealogias e modelos de representação visual que marcam a história da cultura ocidental, nomeadamente por uma certa ideia de imagem ocidental. O seu meio de representação é a fotografia; contudo, o seu imaginário artístico assenta na exploração das articulações estéticas e conceptuais com os campos da pintura, da literatura, do teatro e do cinema, entendidos como modos correlativos de representação e ficção da realidade.

A par da sua prática artística, Jeff Wall tem desenvolvido, desde o início dos anos 1970, uma regular produção escrita de grande relevância crítica e reflexiva. São ensaios que evidenciam um amplo conhecimento da história das artes visuais e da filosofia, em particular sobre questões relacionadas com as práticas e ideias em torno da imagem, da pintura até à fotografia.

A maioria dos seus textos incide em temas e momentos significantes da história de arte desde o século XIX – e. g. mudanças na pintura moderna e modernista, as tensões e contradições durante as vanguardas artísticas dos anos 1960

e 1970, em especial no contexto das tendências conceptuais – ou a obra de outros artistas, abrangendo figuras do seu círculo de relações em Vancouver (Rodney Graham, Ian Wallace), artistas que admira (Édouard Manet, On Kawara) ou com quem colaborou (Dan Graham). Menos frequentes são os textos que incidem explicitamente sobre as suas obras. Porém, a profundidade e a amplitude do seu pensamento proporcionam eixos analíticos muito profícuos para perceber e ampliar o leque de ressonâncias estéticas e discursivas suscitadas pela sua produção artística. Em qualquer dos casos, os temas que aborda são também motivados pelo seu reiterado interesse em reflectir sobre o papel da Arte enquanto campo privilegiado de reflexão e interpelação crítica a propósito das relações e das contradições culturais e sociais do capitalismo.

Para esta publicação, seleccionaram-se treze ensaios, o mais antigo de 1982 e o mais recente de 2010. Em primeiro lugar, surgem três textos em que o autor analisa ideias e momentos significativos da sua produção artística. Segue-se um conjunto de dez ensaios sobre outros artistas e assuntos que foram marcando a sua trajectória teórica e prática. Em cada conjunto, a apresentação dos textos segue uma ordem cronológica. Para acompanhar os ensaios, seleccionaram-se sete obras fotográficas que permitem vislumbrar a diversidade de períodos e géneros visuais que constituem o singular imaginário artístico de Jeff Wall.

Este livro é produzido no âmbito da exposição monográfica organizada pelo MAAT – Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia. Cumpre-se deste modo o duplo objectivo de traduzir escritos nunca traduzidos para português e de

reunir, numa mesma publicação, alguns dos mais importantes ensaios de Jeff Wall, que, ao longo das últimas décadas, se tornaram objectos de estudo e de referência no contexto da teoria e crítica de arte.

Lisboa, Fevereiro de 2025
SÉRGIO MAH
Director-adjunto do MAAT

Gestos

1984

Escrito em 1984. Publicado pela primeira vez em *Ein Anderes Klima: Aspekte der Schönheit in der zeitgenössischen Kunst*/A *Different Climate: Aspects of Beauty in Contemporary Art*, catálogo de exposição (Düsseldorf: Städtische Kunsthalle Düsseldorf, 1984), p. 57.

O meu trabalho baseia-se na representação do corpo. No meio da fotografia, esta representação depende da construção de gestos expressivos que podem funcionar como emblemas. «A essência tem de aparecer», diz Hegel, e, no corpo representado, aparece como um gesto que sabe ser aparência.

«Gesto» significa uma pose ou acção que projecta o seu significado como signo convencionado. Esta definição aplica-se normalmente aos gestos plenamente realizados e dramáticos identificados com a arte de períodos anteriores, em particular o barroco, a grande era do drama pintado. A arte moderna abandonou necessariamente esta teatralidade, uma vez que os corpos que realizavam esses gestos não tinham de habitar as cidades mecanizadas que emergiram da cultura do barroco. Estes corpos não estavam ligados a máquinas nem eram substituídos por elas na divisão do trabalho, e não as temiam. Do nosso ponto de vista, portanto, expressam felicidade mesmo quando sofrem. A cerimonialidade, a energia e a sensualidade dos gestos da arte barroca são substituídas na modernidade por movimentos mecanicistas, acções reflexas, respostas involuntárias e compulsivas. Reduzidas a emissões de energia biomecânica ou bioeléctrica, estas energias não

são realmente «gestos» no sentido desenvolvido pela estética tradicional. São fisicamente menores do que os da arte anterior, mais condensadas, mais fracas, mais retraídas, mais rígidas, mais violentas. No entanto, a sua pequenez corresponde aos nossos maiores meios de ampliação para realizar e exhibir imagens. Fotografo tudo num grande plano perpétuo e projecto-o em frente numa explosão constante de luz, ampliando-o novamente além da sua ampliação fotográfica. As pequenas acções contraídas, os movimentos corporais involuntariamente expressivos que tão bem se prestam à fotografia, são aquilo que resta na vida quotidiana da ideia antiga de gesto enquanto forma corpórea e pictórica da consciência histórica. É possível que esta dupla ampliação do que foi tornado pequeno e mísero, do que parece ter perdido o significado, possa levantar um pouco o véu sobre a miséria objectiva da sociedade e da operação catastrófica da sua lei do valor. O gesto gera verdade na dialéctica do seu ser para o outro – nas imagens, o seu ser para um olhar. Imagino este olho como um olhar que trabalha e deseja, em simultâneo, experienciar a felicidade e conhecer a verdade sobre a sociedade.